

INTERVENÇÃO DO DESIGN NUM GRUPO DE PRODUÇÃO ARTESANAL

Ana Karinne Henrique Vasconcelos

Rennaly de Lourdes de Melo Leal

Maria Verônica Silva Pinto

Resumo:

O objetivo do presente trabalho é mostrar a intervenção do design junto aos produtos desenvolvidos por um Grupo de produção artesanal denominado: Grupo argilas. A intenção é agregar valor aos produtos desenvolvidos, sem descaracterizá-los, com vistas a melhorar a qualidade de vida e a auto-estima dos artesãos. Para tanto se discute, inicialmente sobre a demanda inicial, o artesanato, a cerâmica, o grupo argila e por fim, destaca-se a importância do design como fator primordial no aumento de renda dos ceramistas e na valorização das suas atividades laborais.

Palavras-chave: *Artesanato, cerâmica, intervenção do design.*

1.0 – INTRODUÇÃO

O artesanato constitui-se em uma atividade que vem despertando cada vez mais a atenção de vários setores da sociedade, e é visto tanto como um produto de manifestações culturais, folclóricas ou de arte popular, como opção para melhoria das condições de vida de populações de baixa renda.

“O artesanato como um complexo de atividades de natureza industrial (transformação de matérias-primas em produtos acabados) pelas qual o homem, em determinada cultura, satisfaz demandas essenciais e acessórias do meio social e econômico, no tocante à obtenção de bens manufaturados, não podendo o trabalho artesanal, portanto, ser compreendido à margem de certas determinantes tecnológicas que lhe são peculiares, ainda que se expandam um campo dinâmico, entre a criatividade espontânea e a elaboração de formas padronizadas” (PEREIRA, 1979: 15).

Segundo dados do ministério da indústria e comércio, o artesanato é responsável por 2,8% do PIB – Produto Interno Bruto Brasileiro. A indústria do vestuário representa 2,7%, a indústria da bebida representa 1% e a indústria automobilística representa 5,4% do mesmo PIB. Apesar desta significativa importância econômica, o artesanato e principalmente os artesãos que produzem esta riqueza estão jogados na informalidade na quase totalidade do país.

Os obstáculos decorrem, pelo fato de se viver numa sociedade onde o desenvolvimento tecnológico atinge números elevados, com tendências a transformações de métodos e técnicas de produção cada vez mais refinadas. A inovação tecnológica caracterizou-se pela transformação da energia sobre controle para aplicação a processos de produção. Segundo a comissão consultiva do artesanato (PNDA – Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato), é possível estabelecer algumas condições básicas para caracterizar uma atividade como sendo artesanato:

Quanto à matéria prima: a produção pode ser natural, semi-elaborada, elaborada ou constituída de sobras de produto.

Quanto ao processo de produção: deve ser predominantemente manual, utilizando-se de ferramentas ou máquinas, não dispensando a criatividade e/ou habilidade pessoal na elaboração do produto; pode ser padronizada e as peças, mesmo sendo cópias conservam a individualidade, devido o trabalho predominante ser manual; o artesão deve participar de todas as etapas da elaboração do produto; montagens feitas

individualmente, de diversos componentes, mesmos elaborados previamente, sendo feitas sob alguns critérios, resultam em artesanato.

Quanto às condições de trabalho: desenvolverem-se em ambiente doméstico, pequenas oficinas, postos de trabalho ou centros associativos de produção.

2.0 – PROBLEMATIZAÇÃO

O “mundo dos produtos” existentes na realidade, feitos por artesãos, é vasto; é possível observar a grande diversidade de produtos, que vai desde a cestaria, até a produção de suplementos alimentares. Em Campina Grande, essa gama de produtos é encontrada em alguns lugares específicos: feira central, Casa do Artesão, Parque do Povo, pontos localizados em bairros da cidade, e até mesmo nos shoppings locais, porém neste caso, não é especificada a mão de obra. Com o advento da industrialização e a massificação da produção o artesão perdeu seu caráter de produtor tanto de bens de consumo quanto de cultura. Por não ser considerado “útil”, foi relegado a um “segundo plano” pelas sociedades industriais. A demanda no mercado dos produtos artesanais local tem caído a cada dia, deixando de ser uma atividade rentável, em parte, devido à grande quantidade de produtos industrializados que entram no mercado com custos muito baixos, chegando a ser desleal a concorrência (FGTAS. 2003:01-02). Outro problema encontrado especificamente nos produtos artesanais é a falta de regionalidade e caracterização dos produtos existentes, é possível perceber que os produtos artesanais estão perdendo sua identidade.

Com isso e diante da tentativa de sustentar uma renda familiar com os trabalhos artesanais e de uma cultura que dita como regra que o que é feito à mão deve ser mais barato, os ceramistas acabam produzindo artefatos sem diferenciais. Isso proporciona uma possível descaracterização do produto artesanal. Na realidade, o produto artesanal deve carregar principalmente, ou constituir-se de características culturais da região na qual está inserido, e não de características sócio-econômicas. Assim sendo este trabalho busca promover o desenvolvimento do grupo Argilas (ocupação e geração de renda) através de intervenções específicas de design, com o intuito de buscar alternativas para o crescimento e fortalecimento da atividade artesanal em cerâmica, preservando as tradições dos artesãos.

E como objetivos específicos gerar a elaboração e confecção de novos produtos (utilitários e decorativos), que possam atender as expectativas do consumidor no mercado de lojas de decoração e buscar alternativas de agregar valor para o produto Argilas, tais como: marca e utilização de outras matérias-primas da região (promovendo o intercâmbio do grupo com outras comunidades de artesãos do Estado da Paraíba – o algodão colorido de Campina Grande, a pelica de Cabaceiras e o sisal de Esperança, municípios do estado da Paraíba) na composição das peças cerâmicas; Isto se justifica por ser o artesanato uma parte da vida econômica do país. Diferentemente das grandes indústrias, que geram riqueza que é acumulada por poucos, o artesanato é gerador e distribuidor de renda e de trabalho para

muitos. Segundo dados informativos da revista *Veja*, edição nº1787, 53% dos postos de trabalho no Brasil estão concentrados na economia informal. Essa informação mostra o crescimento e a conseqüente necessidade de se trabalhar com os seguimentos marginalizados da sociedade de forma a possibilitar a inserção desses “profissionais” e seus produtos no mercado consumidor. Enquanto as novas tecnologias eliminam milhares e milhares de postos de trabalho e criam novas relações de trabalho no mundo, o artesanato passa a ser uma profissão valorizada e por conseqüência os artesãos passam a ter um lugar destacado. Do setor informal, espera-se sensibilidade, espírito de luta e criatividade para produzir os conhecimentos e experiências necessárias à dinamização do investimento social, afastando-o do assistencialismo e outras formas de manipulação da pobreza. Dessa forma, verifica-se que, o grupo em questão (ceramistas) só será capaz de crescer à medida que tenham acesso a serviços que são essenciais para a boa qualidade de seus produtos, e através do desenvolvimento de um ambiente no quais os pequenos negócios possam prosperar de forma sustentada.

3.0 – ARTESANATO

Um dos aspectos que mais se destaca na cultura brasileira são as suas diversidades culturais, caracterizadas pela produção e fortalecimento de sua identidade. Aliado a isso, as condições geográficas, climáticas e históricas criaram elementos que definem um jeito brasileiro de ser. Identificar um conjunto de traços peculiares ao estilo cultural, estético e comunicativo brasileiro e utilizá-los como

características, que se distinguem dos outros povos, e promovê-las de forma articulada é uma maneira de mostrar a cara do Brasil para o mundo. Existem produtos e serviços tipicamente brasileiros que obtêm sucesso no mercado justamente por possuírem uma densidade cultural – além de qualidade, logística, boa comercialização, fatores também essenciais. É o caso da moda, do turismo,

dos produtos naturais e da música. O artesanato é uma atividade que vem despertando cada vez mais a atenção de vários setores da sociedade, que nele vêem tanto um produto de manifestações culturais ou de arte popular, como uma opção para a melhoria das condições de vida de populações de baixa renda. A atividade artesanal depende em grande parte da habilidade do trabalhador para as feições características do produto. O trabalho pode ser inteiramente manual ou pode contar com a ajuda de certos instrumentos. A matéria prima utilizada na produção artesanal pode ser natural, semi elaborado ou constituído de sobras de produtos. Quanto ao processo produtivo, são predominantemente manuais, podendo ser utilizados ferramentas ou máquinas que não dispensem a criatividade e/ou habilidade pessoal na elaboração do produto ou execução do serviço. O trabalho do artesão é desenvolvido num ambiente doméstico em pequenas oficinas, postos de trabalho ou centros associativos de produção. Os costumes, as crenças e a tradição histórico-cultural determinam a prática dessa atividade perpetuando-as por gerações promovendo o resgate cultural e a identidade regional, além de gerar trabalho e renda para cerca de 8,5 milhões de pessoas em todo o país. No Nordeste o artesanato é sem dúvida, uma das características mais marcantes. Podem-se encontrar nos estados grandes riquezas culturais. Na Paraíba, a produção artesanal não apresenta apenas um reflexo cultural, mas a única fonte de renda para 34 municípios, para inúmeras famílias e até comunidades inteiras, sobretudo na área da estiagem. Esta se torna, então, não só uma alternativa de trabalho, mas de fixação do

homem do campo em seu meio natural. O artesanato paraibano possui vários tipos de atividades desenvolvidas por todo o Estado, entre eles está a cerâmica.

3.1 - Cerâmica

3.1.1 - Da terra nasce o produto

A cerâmica é o material que acompanhou o homem há mais tempo. Quando saiu das cavernas se tornou um agricultor, ele necessitava não apenas de um abrigo, como de vasilhas para armazenar a água, alimentos colhidos e as sementes para a próxima safra. Tais vasilhas tinham que ser resistentes ao uso, impermeáveis a umidade e de fácil fabricação. Essas facilidades foram encontradas na argila.

3.1.2 - Relação homem x cerâmica

A modelagem usando a cerâmica é uma arte tirada exclusivamente da natureza, o que possibilita a todas as pessoas, em qualquer lugar do mundo realizá-la. A cerâmica tanto de uso comum como artístico, é produzida hoje por toda parte, seja em grandes estabelecimentos, ou pequenos artesãos. Os sistemas são fundamentalmente os mesmos, mas é inegável que a experiência técnica adquiriu tamanha perfeição, que permite resultados extraordinários. As peças artísticas, envernizadas e cozidas até vinte vezes, possuem superfícies reluzentes, com tonalidades de ouro e esmeralda, imitando o brilho do bronze e a transparência da água. Do calor do sol, para os fornos atuais utilizados para tornar as peças mais firmes, a história da cerâmica percorreu e auxiliou no cotidiano do povo. Da Era Neolítica aos dias de hoje os artistas vem criando novas utilidades para a população. A cerâmica hoje extrapola o dia-a-dia para auxiliar na área científica: na medicina vem sendo utilizada na prótese de ossos, na pecuária australiana, reveste os chips injetados dentro do animal e possibilita uma contagem mais precisa e segura, os dentistas, nas obturações, algumas empresas fabricam facas com lâminas de porcelana e inclusive é ainda o produto utilizado quando existe a necessidade de um produto resistente a altas temperaturas, como é o caso do trem bala no Japão, onde cerâmica é colocada nos trilhos.

3.2 – “Made in” nordeste

Entre pesquisadores e profissionais de design, é comum a busca por elementos visuais que possam ser explorados na configuração de produtos que visam apresentar características específicas de uma região produtora e consumidora. Para tanto, exploram-se algumas possibilidades referentes à cultura da região como cores, formas e texturas, associando-as aos objetos projetuais materiais específicos. A utilização do sisal, do algodão colorido e do couro de caprino são alguns dos exemplos da utilização objetiva de elementos de uma cultura regional na confecção de produtos que buscam uma identidade.

3.2.1 - O sisal

A cultura do sisal é uma das principais alternativas econômicas para as regiões mais áridas do Nordeste, conhecidas como Cariri e Curimataú da Paraíba, do Rio Grande do Norte e Nordeste da Bahia. Essas regiões se caracterizam também por altos

índices de desemprego. A atividade de cultivo do sisal teve sua área reduzida a partir da década de setenta, caindo de 327 mil hectares para 188 mil, devido à concorrência das fibras sintéticas e aos baixos preços recebidos naquela época pelos produtores. Com uma rentabilidade baixa a atividade não se tornou sustentável, ocorrendo o abandono das lavouras e a perda de empregos. Ainda hoje a cultura é responsável pela ação de 15.700 empregos diretos. Foi implantado no município de Esperança – PB, pela Embrapa, em parceria com a prefeitura desta cidade e a Associação Comunitária de Massabiéle, o Projeto Massabiéle, com o objetivo de demonstrar que existem caminhos para a reversão deste quadro desanimador. Implantaram-se ações para realização do diagnóstico socioeconômico do Distrito de Massabiéle, visando conhecer o perfil da comunidade e a partir daí, implantar um projeto de manufatura do sisal, usando membros da comunidade, que após treinamento passariam a produzir tapetes, bolsas, utensílios domésticos e peças diversas; viabilizando a comercialização da produção da comunidade, com agregação substancial de valor em relação à comercialização tradicional da fibra.

3.2.2 - O algodão colorido

Naturalmente colorido. Em Campina Grande - PB foi implantada a semente de um novo tempo principalmente para a indústria têxtil: O algodão colorido nas cores bege, marrom, verde e, em fase de plantio, vermelha. O gene determinante da cor do algodão está contido na semente, que além de não sofrer qualquer alteração genética, é cultivado sem o uso de fertilizantes químicos nem agrotóxicos. Naturalmente social. O cultivo do algodão colorido traz, além de benefícios ecológicos e vantagens econômicas, benefícios sociais: seu cultivo mantém o agricultor no campo, oferecendo uma oportunidade de renovação da produção algodoeiro e criando um novo cidadão consciente da preservação da natureza e dos lucros daí provenientes. Naturalmente Artesanal. Dos fios e dos tecidos do algodão colorido, o artesanato local cria peças de rara beleza para decoração e vestuário.

3.2.3 - O couro de caprinos

Desde a pré-história, o couro é considerado como uma segunda pele e hoje assume muito mais do que sua simples função protetora. A atividade de caprinocultura se estende por toda região semi-árida do Estado da Paraíba, com grande impacto sócio-econômico e ambiental pelo seu poder de adaptação, ciclo produtivo curto, amplo número de raças para serem exploradas, baixo custo de produção e mercado consumidor em expansão. Um exemplo que se destaca na cadeia produtiva de cabras e ovelhas é o município de Cabaceiras situado no Sertão do Cariri. Segundo o consultor do Sebrae Paraíba, Paulo Francisco Monteiro (C@APRITEC. 2004:01) os criadores estão agregando valor ao couro dos animais graças à iniciativa de um grupo de habitantes que se reuniu para melhorar a economia local com base na cadeia produtiva do bode. O movimento cresceu a partir de 1998 com a criação da ARTEZA que é uma cooperativa dos Curtidores e Artesãos em Couro do Distrito de Ribeira. Laçou-se no mercado com uma proposta de curtimento vegetal, utilizando produtos de origem natural (taninos vegetais), com baixo tratamento químico, couros com qualidade e diferencial aliados à inovação tecnológica. As vaquetas atadas, solas e pelica ganham forma e vida nas mãos dos artesãos, principalmente no Distrito de Ribeira.

4.0 - O GRUPO ARGILAS

Os seis artesãos do grupo Argilas vêm sobrevivendo à terceira geração e exprimem um valioso patrimônio cultural

das técnicas transmitidas de pai para filho, as quais são aplicadas em matéria-prima abundante na região: A ARGILA. Mesmo produzindo e comercializando atualmente cerca de 500 peças para a feira central de Campina Grande, o grupo busca apoio para ampliar as alternativas de pontos de vendas, confeccionarem um novo produto que atenda os anseios de um novo público-alvo/consumidor formado por pessoas que admiram o artesanato, suas referências e os valores que trazem em si, e, conseqüentemente, gerar maiores oportunidades de trabalho e renda para os artesãos do grupo. Matérias-primas brutas transformadas por artesãos habilidosas de artesãos em objetos desejados que garanta o acesso aos espaços mais nobres de uma casa – o que a torna bonita e acolhedora. Consumidores que procuram e compram peças que compõem um ambiente, e que resgata uma cultura. Com isso, é possível perceber o problema a ser atacado, a nítida falta, apesar do potencial de fabricação por parte dos artesãos, de produtos que possam ser absorvidos pelo mercado de produtos de decoração. Trata-se de um trabalho que pesquisa o fazer artesanal e orienta o artesão sem interferir em sua expressão original no sentido de tornar o produto adequado ao mercado; utilizando recursos que tornam contemporânea uma cultura popular. Um artesanato que sofre pequenas interferências na parte do design, sendo estas respeitadas e sutis, tornando-o mais palatável e desejável pelo mercado consumidor, sem com isso perder as referências e os valores que ele traz em si.

Qualidade é sinônimo de inovação no conceito, na forma e na escolha de materiais, dando atenção às raízes culturais da região, partindo de referências locais. Traçados os objetivos da intervenção de design, as metas alcançadas foram: além da produção de utilitários para a Feira Central de Campina Grande, oferecer ao mercado local, peças de decoração com características da cultura regional associadas às tendências de mercado (forma, geometria, acabamento e cor) e que podem atender as expectativas de um novo público-alvo; agregação de valor às peças de cerâmica com a combinação de outras matérias-primas, oriundas da região, tais como: o couro de Cabaceiras, o algodão colorido de Campina Grande, o

sisal da comunidade de Massabiéle em Esperança; o lançamento de uma marca, que de modo mais expressivo sugere maior apelo comercial ao público-alvo/ consumidor, aplicando-a em cartões de visita, “tags” e instrumentos de divulgação do grupo.

5.0 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto é possível concluir que, não existe entre os artesãos uma dedicação ao artesanato pelo artesanato. Eles trabalham para atingir alguma renda, e cada vez mais falta uma preocupação pelo aperfeiçoamento à confecção dos artigos, como também uma apresentação que possa distinguir pelo fino acabamento ou aspecto artístico. Muitos deles até ignoram as possibilidades de melhoria no rendimento de sua atividade. Não existe uma preocupação no que diz respeito ao planejamento diante da produção de suas peças. O aumento da produção é o ponto crucial para o desenvolvimento dos produtos que já estão sendo elaborados, mais os novos que poderão vir a surgir. Diferente dos produtos industrializados os quais tem uma elevada produção. A aplicação de novos conceitos aos

produtos artesanais permite inseri-los no mercado, de forma que ele seja visto de um modo diferente, pois o design contribui no desenvolvimento de novos produtos ou processos através da inovação, é um gerador de mudanças, um processo criativo que busca a satisfação de uma determinada necessidade ou solução de um problema através de um produto com valores, sejam eles sociais, culturais, estéticos, simbólicos, tendo uma preocupação com o bem-estar e segurança do usuário. Enfim, a “Intervenção do Design em um Grupo de Ceramistas – Grupo Argilas” obteve resultados favoráveis ao longo da sua realização.

6.0 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Lygia. Biblioteca da mulher – Cerâmica, cestaria, esmaltação em metal, estamparia, mosaico, tecelagem manual. Rio de Janeiro, Victor Publicações. S-d.

BARROSO, Eduardo. Design, identidade cultural e artesanato (para Primeira Artesanato). Fortaleza, novembro de 1999.

BAXTER, Mike. Projeto de Produto – Guia prático para o desenvolvimento de novos produtos. São Paulo, Ed. Edgard Blucher Ltda. 1998.

LIMA, Antônio Aquilino de Macedo. O artesanato nordestino: características e problemáticas atuais. Fortaleza. BNB. ETENE, 1982.

PEREIRA, Carlos José Costa. Artesanato – Definições e evolução. Ação do MTB – PNDA, Brasília, Ministério do Trabalho/ Secretaria Geral, Co., Planejamento e Assuntos Gerais, 1979.